



“Teatro em sala de aula: a dúvida do sujeito entre o real e o imaginário”

Laura Bonfada; Marina Teixeira; Clarice Lehnen Wolff ; Márcio Pezzini França

Introdução:

O estágio de Saúde Coletiva do curso de Fonoaudiologia da UFRGS nos proporcionou a vivência da Fonoaudiologia Escolar no Colégio de Aplicação, da mesma Universidade, em Porto Alegre. Nesse local, fizemos uma oficina com um grupo de 1º ano do Ensino Fundamental, com crianças de aproximadamente 6 anos. Após uma reunião com a professora responsável pela turma, para nos situarmos com relação à demanda observada por ela, decidimos abordar a temática de desenvolvimento na linguagem em consonância com o tema do trabalho que vinha sendo desenvolvido em sala de aula: crescimento.

Desenvolvimento da atividade:

Para que pudéssemos trazer a linguagem para o campo de reflexão dos alunos, trabalhamos a percepção sobre a mesma e sua evolução, levando em conta o desenvolvimento da própria fala dos alunos. No planejamento da atividade, optamos por um teatro com dois fantoches: um do gênero masculino – o “avô”- e outro do feminino – a “neta”. Durante o teatro, um dos alunos, ao tentar interagir com as personagens, se deparou com o fantoche do gênero masculino sendo interpretado por uma estagiária do gênero feminino. Estava estabelecida a confusão: a qual pessoa se reportar: ao “homem” representado no fantoche ou à mulher que o interpretava? É o ser real ou o ser fictício? Na situação de impasse, o sujeito hesitou, usando ambos os gêneros em uma mesma frase: “tu é mais velho, mais velha.”

Metodologia:

Este trabalho visa analisar essa situação de diálogo ocorrida em sala de aula, durante oficina do estágio em saúde coletiva, protagonizada por um interlocutor real e seu personagem-fantoche junto a outro interlocutor real, o aluno, a partir da teoria da Enunciação, de Émile Benveniste.

Referência:

- Benveniste, E. Problemas de Linguística Geral II. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1989 In: Werner, KG. Os estudos da enunciação e a formação do professor de línguas. Disponível em <http://coral.ufsm.br/lec/02_04/Kelly.htm>

Análise e discussão:

Com base na teoria da Enunciação, podemos ver que a dúvida do menino durante a comunicação com o fantoche, ao se colocar no lugar do EU, é inteiramente natural. Segundo Benveniste (1989), *o que caracteriza a enunciação é a relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário*. Isso determina a estrutura do quadro figurativo da enunciação, o do diálogo, que tem obrigatoriamente um “eu” e um “tu”. Os dois participantes alternam as funções, caracterizando-se como parceiros e protagonistas na cena enunciativa. Sendo assim, a criança deparou-se com dois possíveis TUs; o “tu” feminino, da estagiária, e o “tu” masculino, o do fantoche-personagem.

Por vezes, durante a interação com a estagiária, o menino colocou o fantoche no lugar do “Ele”, desfazendo-se rapidamente da terceira pessoa e transformando o fantoche mais uma vez em “tu”. Essa construção e desconstrução do “Ele” se sucedeu algumas vezes durante a interação aluno/Fantoche, visto que havia a possibilidade de dois TUs a quem ele poderia se reportar, já que Benveniste afirma que *é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito*.

Essa mudança de gênero entre o interpretado e o interpretante trouxe ainda mais dificuldade na interação entre o menino e o fantoche/estagiária.

Conclusão:

Concluimos que o aluno utilizou-se corretamente da ideia de linguagem, que dá ao indivíduo o status de sujeito. Para o menino, o personagem do fantoche interagiu pela linguagem, motivo suficiente para ser reconhecido como um “tu”.

